

TRAJES SAGRADOS - ORIGEM, HISTÓRIA E SIGNIFICADOS

Luiz Alberto Ribeiro Freire

luizfreire14@gmail.com

Renilda Santos do Vale

renildadovale@yahoo.com.br

O presente artigo analisa de forma sucinta aspectos relacionados à indumentária eclesiástica e litúrgica, especialmente quanto a sua origem, sua introdução na igreja, sua importância e significados quanto os aspectos históricos, sociais e políticos, as mudanças que sofreram ao longo do tempo de maneira especial entre os séculos XVIII e XX. Além de uma breve apresentação do Museu do Traje e do Têxtil da Fundação Instituto Feminino da Bahia pertencente a Arquidiocese de Salvador – Ba, que possui em seu acervo uma coleção de trajes eclesiásticos.

Palavras chaves: Indumentárias, Liturgia, Patrimônio, Coleção, Museu.

1.ORIGEM DA INDUMENTÁRIA ECLESIAÍSTICA CATÓLICA

O primeiro objetivo da roupa é proteger o corpo, porém, com o passar do tempo ela ganhou novos e inúmeros sentidos, a depender da ocasião, do motivo, da atividade a ser realizada e das circunstâncias. Cobrir o corpo pode dar ou tirar sentidos e valores distintos. A roupa tem o poder de transmitir mensagens diversas, estabelecer posturas, defender posições, assumir, afirmar ou negar condutas: “o vestuário é comunicação” (Eco, 1989, P. 7). As roupas realmente “falam”, pois possuem uma capacidade muito grande de informação. “Talvez os objetos mais comuns e mais usados na vida cotidiana sejam os tecidos; estamos tão familiarizados com eles que não nos damos conta de que por meio deles se comunicam ideias, sentimentos, atitudes, estados e categorias” (CARVAJAL, 2000, P. 11)

Em se tratando de traje religioso católico o ato de vestir possui inúmeros valores atribuídos a ele. O cristão ao receber o sacramento do batismo assume a missão, de imitar a Cristo “pois todos vós, que fostes batizados em Cristo, vos vestistes de Cristo” (Gálatas 3, 27).

Na era apostólica¹, é historicamente certo que os sacerdotes não vestiam traje especial que os diferenciasse dos leigos². Os religiosos da Igreja primitiva, por sua vez, ainda não existiam juridicamente, e, por isso, não utilizavam o hábito de maneira obrigatória. Ao que parece, as vestes que os primeiros sacerdotes adotaram e que até os dias hoje utilizam durante as celebrações têm origem nas antigas vestes romanas. Segundo Robert Lesage,

Não pensemos que os apóstolos e seus imediatos sucessores tenham usado vestes especiais na vida privada ou para celebração do culto. Traziam como o mestre, a veste talar (descendo até o calcanhar ou talão), em uso na Palestina. Reconhece-se mesmo que, durante os cinco primeiros séculos de nossa era, não havia entre o clero e os fiéis nenhuma diferença no modo de trajar. S. Agostinho vestia-se como toda gente. S. Ambrósio nos

diz que não é por suas vestes que se reconhece o bispo, mas por sua caridade e por suas funções. Em seguida as invasões bárbaras, os leigos pouco a pouco abandonaram a tradicional veste romana e oriental, para adotar os trajes curtos dos invasores. Os membros do clero, porém, continuavam a usar a veste ampla e longa (túnica talaris) de que os fiéis estavam habituados a vê-los revestidos. (LESAGE, 1959, P. 80).

Porém, o mesmo autor reconhece que, apesar de não existir na era apostólica oficialmente diferenças entre as vestes dos clérigos e dos fiéis, isso não quer dizer que os primeiros sacerdotes em algumas localidades e momentos não tenham de alguma maneira se diferenciado pelas vestes do restante da sociedade civil, e com isso contrariando as ordens oficiais da Igreja, como se pode depreender da leitura do excerto abaixo:

Se no começo do cristianismo, os sacerdotes usavam na vida corrente a mesma indumentária civil que seus concidadãos, isto não impede que existissem já “vestes sacras” diferentes das “vestes usuais”. Entre outras provas, basta-nos conhecer a proibição feita pelo papa Estevão I (257), de se usarem as vestes litúrgicas na vida ordinária. Vemo-la na nona lição de 2 de agosto, no Breviário Romano. O que o Soberano Pontífice queria inculcar, com insistência particular, era a volta de um costume antigo, violado por alguns clérigos. A natureza e a forma dessas vestes sagradas deviam ser as vestes ordinárias, mas provavelmente, distinguiam-se delas pela riqueza do tecido e pelo cuidado que se tinha em reserva-las para as funções sagradas. (Idem. P. 89)

Não se sabe ao certo quando as roupas dos sacerdotes começaram a diferenciar-se das vestes dos demais fiéis, contudo, segundo alguns autores a indumentária litúrgica tem oficialmente início no ano de 581 no Concílio (Sínodo) de Gália. Nesse, fica proibido ao clero usar roupas seculares. Mais tarde, vai se tornando cada vez mais comum o uso de vestes específicas para o clero.

2. A CONFECÇÃO DOS PARAMENTOS LITÚRGICOS DO SÉCULO XVIII AO SÉCULO XX

Ao longo do tempo o traje litúrgico ganhou grande importância no âmbito da arte decorativa, pois eram feitos cada vez mais com delicadeza e atenção a detalhes. Durante um longo período, a Igreja foi uma das instituições mais sólidas economicamente. A forte relação com o Estado, devido aos dízimos, doações, confrarias, diversas contribuições voluntárias ou obrigatórias que recebia, foram fatores que contribuíram para isso. A riqueza da Igreja então se refletia nos tecidos. Era comum a importação de tecidos e materiais como fios de seda, de ouro, de prata, além de haver pessoas dedicadas exclusivamente à confecção das vestes.

Desde antes da oficialização de seu uso até os dias atuais os trajes eclesiásticos sofreram transformações, tanto nas formas e nos tecidos para confecção quanto na maneira de se confeccionar. Mas, em se tratando de arte religiosa, as mudanças acontecem num ritmo mais lento e respeitando sempre a tradição:

O fenômeno religioso pertence, do ponto de vista temporal, ao longo prazo. Mais ainda: as suas transformações, mesmo a sua evolução, são muito lentas, no que se refere aos hábitos e visão de mundo.[...] Essa massa de profundidade, de vida interior, desenvolve-se na duração, no tempo, com uma pesada gravidade reverente. (BUENO, 2008, P. 19, APUD DUPRONT)

Contudo, a arte decorativa religiosa passa por mudanças a partir do século XVIII. Vários fatores contribuíram para isso, entre eles a separação do Estado e da Igreja e a Revolução Industrial. O que torna mais fácil de se compreender o contexto histórico dos trajes eclesiásticos ligados ao contexto social e econômico das sociedades.



Tela de Jacques-Louis David “A Coroação de Napoleão”, exposta no Museu do Louvre.³

Nessa imagem, em que Napoleão está coroando sua esposa, a Imperatriz Josefina, após ter ele mesmo posto em sua cabeça a sua coroa, evidencia o início de um período de grandes mudanças na política. Essa obra reflete não só um momento político da sociedade francesa, mas também o que estava para acontecer no mundo: a Igreja perdia sua força política e econômica.

Los sentidos culturales de los objetos son procesos dinámicos desde sus contextos históricos hasta los modos interpretativos del presente. La producción de los ornamentos litúrgicos no se desliga de dichos procesos al ser resultado de la interacción de los aspectos específicos tanto sócio-culturales como económicos. (MATIZ E MACHADO, 2000, P. 20)

No que se refere às indumentárias litúrgicas, apesar de haver muito pouco escrito sobre as técnicas têxteis desse período, através de alguns poucos estudos sabe-se que a redução dos ornamentos em bordados com fios de ouro, por exemplo, se deu por vários motivos como foi o caso da Espanha.

No que corresponde à Espanha, a redução é radical por diversas razões, como as convulsões políticas, a independência dos territórios americanos ou as exclaustrações⁴, que determinaram o empobrecimento da Igreja. (ZANINI, 1983, P.10).

Além disso, os bordadores sofreram com grandes concorrentes: os tecelões, pois estes com tecidos ricos e de muita beleza, tornavam a utilização de bordados em muitos ornamentos litúrgicos um gasto desnecessário. Mais tarde, os bordadores concorreriam com as máquinas, o que era, sem dúvida, uma disputa cruel, pois as indústrias produziam bem mais e com um preço bem mais em conta. Apesar de tudo isso, o ofício de feitura de bordados perdurou durante muito tempo em muitos países.

Apesar da diminuição de pedidos de vestes litúrgicas feitas com ricos bordados em fios de ouro, esse ofício continuou a existir. A Espanha e a França se destacaram bastante nessa técnica, de modo especial os ateliês de Paris, como por exemplo os da cidade de Lyon, de muita tradição têxtil, em que sobressaía nesta cidade a casa A. Favier, que, além dos trabalhos de ourivesaria, trabalhava com grandes encomendas feitas por comunidades religiosas que faziam seus pedidos conforme os ornamentos litúrgicos determinavam.

Os trajes litúrgicos continuam até os dias de hoje a ser confeccionados com riqueza de detalhes e símbolos. No lugar dos fios de ouro, pérolas e pedras preciosas, há belíssimos bordados em fios metálicos e dourados, detalhes em tecidos de veludo, seda e brocado, os quais mantêm a beleza estética e a memória de Cristo e dos primeiros cristãos através de antigos símbolos que acompanham os cristãos desde a era apostólica. Além, das cores específicas que a medida do tempo foi abrigando valores e importantes sentidos no ato litúrgico. Porém, apesar das grandes mudanças na confecção dessas peças, ainda no século XX encontramos peças enriquecidas de detalhes (fios de ouro e prata, pedras preciosas etc) comumente utilizados no século XVIII e XVII. Temos como exemplo disso a coleção de indumentária eclesiástica pertencente ao Museu do Traje do Têxtil da Fundação Instituto Feminino, que possui peças do século XX confeccionadas com fios de ouro e outros detalhes não comuns indumentárias utilizadas nesse século.

A indumentária litúrgica católica é um patrimônio que faz parte da história e Memória de diferentes épocas e sociedades nos quais a Igreja esteve e está inserida e que de alguma forma influenciou e foi influenciada. Porém, ainda hoje os museus que possuem essa tipologia de acervo não apresentam nas raras exposições que realizam o potencial que essa tipologia de acervo pode proporcionar ao público, ficando muitas vezes restrito a apenas uma exposição do objeto pelo objeto. Não se apropriando da carga histórica e cultural que esse objeto carrega.

3. A COLEÇÃO DE INDUMENTÁRIA ECLESIASTICA DO INSTITUTO FEMININO DA BAHIA

O Instituto Feminino da Bahia⁵ foi criado em 1923 com o objetivo de apoiar e proteger a mulher que trabalha, idealizado por Henriqueta Martins Catharino e Monsenhor Flaviano Osório Pimentel⁶. Segundo Semira Adler Veinsencher, essa Casa funcionava como uma espécie de agência de empregos e, nela, eram ministrados, também, cursos profissionalizantes nas áreas de secretariado e contabilidade.

Hoje o Instituto Feminino abriga três Museus: O Museu de Artes Decorativas, que leva o nome da fundadora, Henriqueta Catharino, o Museu de Arte popular e o Museu do traje e do têxtil, inaugurado no ano de 2002. Juntos eles reúnem um grande acervo com mais de quinze (15) mil peças que refletem a cultura na Bahia nos séculos XIX e XX.

Segundo Marieta Alves⁷, “a coleção têxtil do Instituto Feminino da Bahia foi iniciada em 1933, ano da realização do 1º Congresso Eucarístico Nacional, para o qual foi organizada uma exposição de arte antiga com o fim de proporcionar aos Congressistas uma visão clara da Arte Baiana e de como vivia a sociedade baiana no século XIX”, dando origem assim ao Museu do Traje e do Têxtil, o único em Salvador. Faz parte desse acervo, a coleção de Indumentária Eclesiástica formada por peças do século XVIII ao século XX.

A coleção de indumentária eclesiástica traz um importante recorte da liturgia da Igreja e da história da Arquidiocese de Salvador, pois muitas peças procedem do acervo da Catedral Basílica de Salvador da qual a Fundação Instituto Feminino faz parte. Nela podemos encontrar trajes que foram utilizados por personagens importantes da fé católica como o solidéu que pertenceu ao Papa Pio XII, uma casula e uma estola que pertenceram ao Papa João Paulo II, durante a sua visita ao Brasil em 1997. Dalmáticas, casulas e estolas, além de outras peças trabalhadas em bordados com fios de ouro e prata, que trazem à tona antigos símbolos da fé cristã que parecem sempre atuais por sua utilização nos paramentos utilizados pelos sacerdotes nos ritos litúrgicos. Abaixo temos como exemplo desse raro acervo duas peças que fazem parte dessa coleção e traduzem um pouco essa forma de comunicação com os fiéis.



Casula - Século XVIII

Confeccionada em seda na tonalidade vermelha, bordado à mão em fio de ouro e prata, aplicação e bordado também mecânico com motivos fitomorfos em toda sua extensão. Entre as flores, nos lados, esquerdo e direito, encontramos a flor de lis, antigo símbolo cristão que representa a Virgem Maria. No centro os ramos e flores formam a imagem de um cálice, objeto sagrado do rito litúrgico Eucarístico. Essa casula se destaca pelos bordados em fios de ouro não comuns para o século XX.



Dalmática - Século XVIII / Século XV

Manufatura europeia

Confeccionada em tafetá de seda na cor aproximado ao dourado, geralmente utilizada em Missas solenes. Apresenta bordados com fio de ouro, com motivos fitomorfos em toda sua extensão e um cordão com franjas, semelhantes ao cingulo⁸ de cada lado dos ombros.

4. CONCLUSÃO

Cada objeto possui o seu papel, o seu valor, dado inicialmente pelo homem. Porém, depois de algum tempo, parece ele mesmo abrigar valores que, por meio da tradição e costumes do povo, fixam e permanecem durante um tempo indeterminado. Na indumentária litúrgica acontece o mesmo, e apesar de algumas mudanças, ela permanece com o teor inicial.

Os detalhes, a simbologia e todo conteúdo de arte por meio de rendas, bordados, costuras e os próprios tecidos que há em cada traje é um poço de conhecimento. Há uma relação muito forte com aquilo que o homem não conhece e tenta entender. Nelas se encontram de modo misterioso a relação do homem com Deus e a resposta do homem a esse grande mistério que intriga a humanidade.

Este trabalho apresenta de forma bastante sucinta um pouco da história e valor histórico cultural referente à indumentária eclesiástica e litúrgica. Porém, essa tipologia de acervo ainda tem muito a ser explorada. A história e o contexto em que os paramentos litúrgicos estão inseridos são um campo muito vasto ainda muito pouco estudado. A falta de pesquisa a respeito desse

patrimônio influencia ou determina o empobrecimento comunicacional desse objeto nas instituições museológicas principalmente em exposições, pois, grande parte delas exibem apenas uma etiqueta e um pequeno resumo muitas vezes repetidos em inúmeras mostras. E ainda, nos poucos textos utilizados grande parte não recordam o valor patrimonial e cultural dos objetos expostos e não fazem relação com a sua história e tradição.

NOTAS

¹ Era dos apóstolos, após o martírio de Cristo. Período em que os apóstolos dão início a evangelização, atendendo o pedido de Cristo “Ide por todo mundo , proclamai o evangelho a toda criatura” Mateus 16, 15.

² Trecho extraído do texto do DR. Rafael Vitola Brodbeck .Da Obrigatoriedade do Uso do Traje Eclesiástico.

³ Fonte: <http://historiaonline.com.br/2013/06/29/02121804-a-coroacao-de-napoleao-bona-parte/>

⁴ Si j'ai bien compris le sens – le moine est libéré de ses vœux monastiques sur décision propre ou est exclu de la vie monastique par décret religieux – l'expression consacrée est “rendre à la vie séculière”.

⁵ A Fundação Instituto Feminino da Bahia, está localizado na Rua Politeama, 2 Salvador – BA, 40080145 (0xx)71 3329-5520

⁶ Monsenhor Flaviano Osório Pimentel foi o iniciador da Obra de Proteção e Amparo a Mulher.

⁷ Extraído do Catálogo: Museu do Traje e do Textil. Fundação Instituto Femino da Bahia. 1993/2003.

⁸ Cíngulo: Cordão, com que o sacerdote aperta a alva, na cintura. (fonte: <http://www.dicionari-oweb.com.br/>).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CARVAJAL, Fanny Anaya . La Restauración de textiles en Colombia. in Facultad de Restauración de Bienes Muebles. Textiles. Universidad Externado de Colombia, Bogotá, 2000;

CHRIST, Yvan. A arte no século XIX. São Paulo: Martins Fontes, 1981.

COPPOLA, Soraya. Costurando a Memória: O Acervo Têxtil do Museu Arquidiocesano de Arte Sacra de Mariana. Belo Horizonte, Escola de belas Artes/UFMG, 2006;

COSGRAVE, Bronwyn. Historia de la moda: desde Egipto hasta nuestros dias. Barcelona: GG moda, 2005;

ECO, Humberto. *Psicologia do Vestir*. 3ª edição. Lisboa: Ed. Assírio e Alvim, 1989;

GOMBRICH, E. H. *A história da arte*. 16. ed. Rio de Janeiro: LTC, 1999;

LESAGE, Robert. *Vestes e objetos litúrgicos*. São Paulo: Flamboyant, 1959..

Matiz, Paula e Machado, Gissel. *Significado Cultural*. in Facultad de Restauración de Bienes Muebles. Textiles. Universidad Externado de Colombia, Bogotá, 2000;

PANOFSKY, E. *Iconografia e Iconologia: Uma introdução ao estudo da arte da Renascença*. In: *Significado nas Artes Visuais*. Tradução: Maria Clara F. Kneese e J. Guinsburg. São Paulo: Perspectiva, 2ª ed., 1986;

PEREIRA, Edes Andrade. *Sagrada Liturgia: Celebração da Vitória de Cristo*. Salvador: P&A Gráfica e Editora, 2007;

ROIG, Juan Ferrando. *Iconografia de los Santos*. Ediciones: Omega, AS. Barcelona, 1950;

Bueno, Wilma. *Enamoradas do Sagrado – Monjas do Mosteiro do Encontro 1961-1999*. Tese de Doutorado. Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2008;

Zanini, Walter. *História Geral da Arte*. Ed. Publicidade e Gráfica LTDA. São Paulo, 1983;

